

Tsjajkovskistraat 40/ Rua Tchaikovski, 40

Auteur / Autor: Pieter Waterdrinker

Vertaald naar het Portugees door / Traduzido para português por: Maria Leonor Raven
(Portugal)

Derde hoofdstuk / Terceiro capítulo

Pagina's 71 t/m 81 / Páginas 71 a 81

Terceiro capítulo

De regresso aos Países-Baixos, após a minha falhada missão com as Bíblias em Leninegrado, nesse outono de 1988, esperava-me uma triste notícia: o cancro nos intestinos, a que o meu pai tinha sido operado quase cinco anos antes, tinha voltado. A minha mãe contou-me por alto, hesitante; quase que com uma certa vergonha. O meu pai aguentava-se perante mim sem se queixar, com um sorriso na cara. De novo, estava tudo coberto por uma tensão, uma maldição, um medo. Eu não sabia o que fazer à vida. Todas as tardes caminhava no mínimo duas horas como um doido pela praia e pelas dunas.

– O que é que é vais fazer agora, rapaz? – perguntava-me o meu pai.

Eu não sabia.

Uma semana mais tarde, numa manhã, Siderius apareceu novamente à porta, assim sem mais nem menos. Desta vez os meus pais estavam em casa; não havia como escapar. Mais uma vez o administrador da igreja de Leiden aninhou-se no sofá como uma ave de rapina, com a mesma gabardina castanha vestida, depois de se ter apresentado ao meu pai e à minha mãe e de lhes apertar amigavelmente a mão, como se fossem velhos conhecidos.

– Não, obrigado, nada de café... Um copinho de água... O médico quer que eu beba muita água... Gota...A doença dos bêbados... Mas eu nunca bebi uma pinga na vida...

Orgulhoso, como se ele mesmo tivesse estado presente, Siderius começou a contar aos meus pais sobre os meus êxitos recentes na União Soviética. Os seus contactos eclesiásticos por lá exprimiam-se em termos absolutamente líricos sobre a minha operação. Ele tinha vindo para me levar com ele a um armazém em Gouda onde havia oitenta Bíblias já prontas, embrulhadas e tudo, a serem embarcadas em breve para Leninegrado.

– Vocês têm um filho fantástico, um soldado de Deus, isso garanto-lhes eu – disse Siderius, enquanto os meus pais se inchavam de orgulho.

De repente calou-se, deu uma inquisitiva vista de olhos à sua volta – como se ouvisse alguma coisa – e, num tom ligeiro, perguntou quem é que aqui na sala se encontrava doente.

A minha mãe fez-se pálida e indicou o meu pai com o olhar.

– Irmãos e irmãs ... – começou Siderius então. – Guardem silêncio, Deus tudo sabe e tudo vê ... Deus é amor, Ele tem um plano para cada um de nós. Guardem silêncio, meus caros, rezemos...

Ele juntou as mãos e fechou os olhos. Enquanto ele, num tom declamador, meio a cantar – os lábios tremendo, os nós dos dedos esbranquiçados de fazer força – se dirigia a Deus, os meus pais entreolharam-se inexpressivamente por um momento; como se tivessem sido involuntariamente vítimas de hipnose. Na altura, o meu pai tinha-me mandado para um liceu protestante em Haarlem, meramente devido à boa qualidade do ensino. Durante a vida inteira, tinha porém nutrido um ódio de morte a tudo o que tivesse a ver com a Igreja, quando aos seis anos, durante uma missa natalícia, fora obrigado a assistir a como os outros condiscípulos ricos podiam tirar, com um grito de júbilo, guindastes, carrinhos de corridas e garagens completas de bombeiros debaixo da reluzente árvore de Natal, ao passo que ele (filho de um pedreiro) e o resto foram contemplados com uma laranja, com um laço de papel crepe verde, que ele mesmo, anteriormente nesse dia, tinha feito durante os trabalhos manuais na escola.

A oração, em que Siderius apelou a que a força fosse proporcional à cruz e, se necessário, resignação, durou vários minutos. Receei por um momento que o meu pai se levantasse, batesse com os pés no chão, agarrasse o fulano pela gola da gabardina, para em seguida o pôr no olho da rua. A agressividade impotente que eu sentia pelo destino projectei-a nele.

– Ámen... – terminou Siderius o seu monólogo com Deus.

Duas semanas mais tarde, eu estava novamente sentado a bordo do avião para a URSS. A vida pregava-me partidas. Eu já estava há meses sem trabalho, tentava fazer todos os possíveis para escapar a uma existência passada a trabalhar num escritório, não conseguia aguentar o silencioso desgosto extenuante dos meus pais e, além disso, pagavam-me para esta missão: mil florins.

Desta vez o voo decorreu sem a introdução de uma escala em Berlim Leste. Aterrei num ártico inferno branco. Nas escadas empurradas de encontro ao avião, o gelo cortava através de ti. Das bocas dos guardas fronteiriços saía fumo, como se estivessem em fogo por dentro.

Num casaco de carneira turco, acompanhado por uma leptossómica adolescente loura, Pozorski estava à minha espera no hall abafadíssimo de calor.

– Quando é que chegam as Bíblias? – perguntou ele imediatamente.

Na minha opinião já tinham chegado, respondi-lhe: Siderius tinha-me dito, antes da partida, que o lote de Bíblias tinha saído nove dias antes, de barco, de Roterdão, entre uma carga de carvão fóssil.

– Natascha... – Pozorski empurrou a loura para a frente, como um mercador de escravos empurra uma rapariga no mercado.

– Ela gostava de conhecer um estrangeiro. Por causa das línguas.

– *Hello...* – disse ela, olhando-me ostrácea.

As Bíblias acabaram finalmente por não chegar a Leninegrado, mas a Archangelsk, onde, nas suas palavras, o sócio de Pozorski, Borodin, entretanto já tinha adquirido uma posição influente e os camiões estavam a postos para distribuir as oitenta mil escritura sagradas pelo país.

A rapariga com os olhos de ostra, com quem eu me tinha divertido durante duas noites e uma tarde inteira no meu quarto (enquanto lá fora as tempestades de neve fustigavam as janelas) desaparecera de repente.

Uma hora mais tarde Pozorski estava no lóbi, abanando um envelope, com um sorriso de orelha a orelha.

– Eu não te tinha dito? – começou ele. – Nós não trapaceamos ninguém, a integridade é o nosso princípio!

Ele deu-me o envelope, dizendo que se ia embora por meio ano. Tinha recebido um visto de saída, ao fim de meses de espera, e iria montar uma rede de contactos em Praga, Berlim e Budapeste para a sua futura firma de importações. Assim que ele voltasse a Leninegrado entraria em contacto comigo. Prometeu-me tempos áureos. Já não me recordo da quantia em rublos dentro do envelope; em todo o caso era suficiente para permanecer no país por muito tempo. O meu visto era válido por um mês. Decidi ir a Moscovo, onde, na

primavera de 1981, tinha estado dois dias como estudante do primeiro ano, e me parecera muito mais animada do que Leninegrado.

O comboio nocturno entrou na capital às sete e um quarto da manhã. Vultos envoltos em peles balançavam pela névoa gelada. Na cobertura havia pingentes de gelo pendurados, grandes e reluzentes, como lustres num salão de baile. Mas aqui no meu compartimento ainda fazia calor, o samovar fumegava e assobiava baixinho. Ao lado, estava a funcionária do vagão, que me tinha acordado às seis e meia e trazido chá numa copo com uma pega metálica, uma russa idosa, seca de carnes, enérgica, com uma aparência muitíssimo educada apesar do avental de trabalho. Fez-me lembrar a senhora Pokrovskaia. O remorso apoderou-se de mim. Porque é que eu não lhe tinha feito uma visita de passagem em Leninegrado, antes de partir? Na secção dela para loucos diagnosticados? Para lhe levar bombons, um frasquinho de perfume; as meias de nylon que ela tinha mencionado. Coisas que só se conseguiam arranjar na loja de divisas ao fim da Nevski Prospekt. Depois da breve voltinha de carro pela cidade, há mais de um mês, eu tinha-a mais ou menos abandonado. Assim que a tinha ajudado a sair do táxi e entrado com ela no hall do lar para idosos, a senhora Prokovskaia tinha voltado de novo a perder completamente as estribeiras. Na penumbra verde das *Fatsia Japonica*, ela começou outra vez a gritar, chamando pela filha, dando golpes agressivos à sua volta, até que uma enfermeira veio a correr para a sedar pela segunda vez e ela ser levada como uma boneca de trapos. Nunca mais voltei ao lar, nunca mais lhe falei.

Mas há mais coisas de que me arrependo na vida.

Eu ainda não tinha saído com a minha malinha da carruagem cor de ferrugem ou, algures mais à frente, no meio da enorme multidão, ouvi vozes holandesas. O fumo da lenhite de um comboio regional bateu-me na cara; um bagageiro com um carrinho de mão cheio de malas cobertas de neve quase me atropelava. Continuei a caminhar, então parei. Um homem jovem, que eu calculei que fosse um pouco mais velho do que eu, mais ou menos por volta dos trinta, com um gorro de pele por cima de um rosto balofo e corado, despedia-se de um grupo de holandeses.

– Obrigado, mais uma vez obrigado! – Uma loura robusta abraçou o jovem, deu-lhe três beijos sonoros, após o que foi ajudada a subir para o comboio por um senhor grisalho, com um penteado jovem, de canadiana.

– Portanto estão lá à nossa espera? – perguntou outra pessoa.

– Não se preocupe! Em Leninegrado estão prontos para vos acolher! Boa viagem!

– Obrigada, Ragnar! – disse uma mulher com uma construção de pele sintética em cima da cabeça. – Foram dias maravilhosos! Nunca me hei-de esquecer daqueles músicos bêbados naquele restaurante!

E assim continuou um tempinho.

Nesse tempo eu ainda fumava; acendi um cigarro e fiquei atrás de um pilar a observar a cena, desfrutando do frio e da nicotina após a noite abafada na carruagem-cama. As portas fecharam-se com um silvo pneumático; elevou-se vapor, que se congelou em cristais brilhantes, e o comboio pôs-se em movimento. Quando a carruagem em que os holandeses iam sentados desapareceu de vista, o homem jovem tirou o gorro de pele da cabeça, deu um jeito ao forro de seda vermelha, voltou a enfiá-lo, fez de conta que ia direito à saída, voltou-se de repente, e veio na minha direcção com grandes passadas.

– Porque é que me estás a espiar? – perguntou-me ele em russo.

– Bom dia – respondi-lhe eu em neerlandês.

– Que raio... – souou então.

Para ajudar à credibilidade deste relato, naturalmente que é melhor chamar-lhe Jansen aqui. Mas eu já passei entretanto o estádio da ficção. Ele chamava-se Fopmans – Ragnar Fopmans. Depois de me ter cravado um cigarro, caminhámos os dois através do imponente átrio da estação, com uma estátua de Lenine em cima de uma base de granito no meio, para a saída.

– Onde é que estás hospedado? – Fopmans levantou a sua mão enluvada; dois segundos depois um Wolga parou serviçal ao nosso lado.

Eu tinha partido à sorte.

– Está bem, entra lá...

Senti-me intensamente feliz durante a primeira viagem da minha vida pela Moscovo invernal, ainda com slogans comunistas por toda a parte e praticamente sem carros, como se o imponente cenário da cidade fosse exclusivamente para nós. Tal como dois anos antes ao

partir para Tenerife, onde por fim tinha aguentado ano e meio como animador num hotel de férias, caiu-me um peso de cima dos ombros. Era como se o meu pai já não estivesse doente; como se os Países-Baixos, onde uma vida passada num escritório sempre me tinha parecido o maior dos horrores, tivessem deixado de existir.

– Enfim, portanto isto é Moscovo... – disse Fopmans então.

Começou a interrogar-me, perguntou onde é que tinha aprendido o meu russo, levantou as sobrancelhas num misto de admiração e de inveja quando lhe contei sobre os meus anos passados na Espanha, teve de rir-se com gosto ao ouvir a minha história sobre as Bíblias. Em seguida, começou ele mesmo a contar. Revelou ser ainda mais palrador do que eu. Antes de chegarmos ao Hotel Intourist na rua Gorki, ele anunciou que tinha um emprego para mim; andava há meses há procura de alguém como eu. Eu era uma dádiva de Deus.

O emprego consistia em ser representante de uma agência de viagens em Moscovo. Devido ao repentino interesse crescente pela União Soviética, Fopmans já não conseguia dar conta do trabalho sozinho. Os grupos continuavam a afluir para verem o milagre da perestroika e da glasnost, juntamente com as cúpulas douradas em forma de cebola e os museus, com os próprios olhos. Para além do acompanhamento das viagens, eu devia criar novos destinos juntamente com ele, assim como encarregar-me de comprar espaço hoteleiro, que cada dia ia ficando mais raro. Intourist, o monopólio do colosso turístico detido pelo Estado esboroava-se rapidamente nesse ano de 1988. Antes disso, entrava-se na sede perto da parte dianteira do Kremlin, entregava-se uma listazinha com requisitos em relação ao avião, autocarro, comboio, barco, outro meio de transporte, um guia numa língua à escolha a um funcionário, e a coisa estava feita. Mas tudo começava a mudar; no país, aos poucos, aproximava-se uma revolução. A par com a Intourist, começavam a surgir alternativas a conta-gotas. Começou a haver concorrência. A proibição comunista de obter ganhos, até mesmo de empreender, estava sujeita a erosão. E quem é que ganhava com isso? Aqueles que estavam mais perto do poder: os comunistas profissionais. Organizações como a Academia de Ciências, os caminhos de ferro, o circo estatal e até o exército possuíam hotéis espalhados por todo o país, sanatórios e outros alojamentos destinados ao seu pessoal. Altos funcionários e militares tinham começado a explorá-los há meio ano. Em nome do Estado, alugavam espaço hoteleiro ao preço da chuva a pequenas empresas que eles mesmos tinham criado com os seus amigos, para depois alugar pelo décuplo do preço. Mas era um bocado turvo,

continuava a ser semi-ilegal. E não era possível ter acesso a elas assim sem mais nem menos; era preciso ter os contactos certos.

– Percebes?

Na noite da minha chegada a Moscovo, Fopmans tinha-me levado a uma sauna para me ensinar previamente alguns pormenores. Nu, com uma cara como uma lagosta, sentado na *banja* ao meu lado, agitava com força uma toalha molhada por cima da cabeça – o ar quente aqueceu ainda mais, queimando a minha pele.

– Ainda não me perguntaste quanto é que vais ganhar. Digo-to já: novecentos florins por mês, uma esmola. São uns sovinas lá nos Países-Baixos! Mas há ainda uma coisa que te hei-de contar mais tarde. Aliás...

A arfar, começou a esfregar o suor do seu corpo roliço, deixando pingar tudo em cima dos bancos da sauna feitos de madeira de bétula sem verniz. Então contou sobre os planos que tinha na área da importação, sobre as fortunas que se podiam aqui ganhar a prazo.

Era como se eu ouvisse Pozorski a falar em Leninegrado.

Assim começou um período da minha vida constituído praticamente por viagens contínuas. Primeiro voltei aos Países-Baixos para prolongar o meu visto, para informar os meus pais, para uma entrevista de emprego no operador turístico no leste do país – pareceram muitíssimo contentes por ter aparecido mais um idiota a querer passar os seus dias na URSS.

Duas semanas depois, eu partilhava um quarto fixo com Fopmans no Hotel Intourist. Depressa constatei que quase nunca o via. Quando ele viajava com um grupo de turistas no imenso país, eu devia ficar em Moscovo e vice-versa. Revezámo-nos. Os nossos contactos de trabalho eram feitos por telefone e fax. Como as ligações no império soviético eram francamente más, com ruídos constantes na linha, inesperadamente cortadas ou só conseguidas ao fim de meia hora, o desastre era crónico. Eu ia buscar grupos de turistas ao aeroporto, escoltava-os ao seu hotel, mantinha os contactos com as agências de viagens e com os guias locais. Cada vez mais frequentemente, eu mesmo os acompanhava durante as viagens. O acompanhamento profissional holandês das viagens devia dissipar o medo que a maioria dos clientes continuava a sentir pela União Soviética. Fopmans já cá estava há dois anos. Tinha começado a ficar farto; preferia tratar da papelada em Moscovo. No início, fiz

algumas vezes a excursão de seis dias de comboio de Moscovo a Leninegrado. Ao fim de uns meses, eu viajava, com o mesmo à-vontade de Fopmans, para cá e para lá, entre Moscovo e os Estados Bálticos, a Sibéria, a Geórgia, a Ucrânia ou o Usbequistão. Por toda a parte, no país dos onze fusos horários, no metro, nas casas, nos corredores dos hotéis, em aeroportos, comboios, escolas e hospitais pairava o mesmo cheiro enjoativo – uma mistura de alho, suor antigo, o odor de fruta a apodrecer, em resumo: um cheiro humano emanado por cidadãos, porque também o sabão e outros artigos de higiene se encontravam quase todos racionados, ou eram simplesmente impossíveis de encontrar. As mulheres eram obrigadas a usar algodão como pensos higiénicos e, quando já não havia algodão, muitas vezes usavam apenas papel de jornal. A minha caminhada pelo inferno no lar para idosos em Leninegrado, empurrando o carrinho de serviço com as Bíblias de contrabando pelos corredores com pessoas rejeitadas, revelou ser um *pars pro toto* para o país inteiro.

Trabalhávamos em parte com a Intourist, em parte com as novas «empresas cooperativas» emergentes geridas por tipos duvidosos com quem eu – nenhum contrato sem confiança previamente adquirida – era obrigado a passar noites inteiras em restaurantes, antros cheios de fumo com mares de luzes, orquestras ao vivo, uma abundância de comida e de bebida por detrás de fachadas escuras guardadas por jovens seguranças com cabeças de símios, de blusões pretos de cabedal, onde mulheres jovens e raparigas soltavam gargalhadas mostrando as úvulas, como sinalização para a noite, enquanto lá fora reinava o mundo da escuridão cinzenta, do império, que a cada minuto – e isso sabia-lo, sentia-lo, tal como os cães sentem que está para vir um terramoto muito antes de ele ocorrer – se ia desmoronando mais. O rublo entretanto já não valia nada; imperava a hiperinflação. Os produtos ocidentais eram puro ouro. Por seis latas importadas de Carlsberg (que eu podia comprar por dez dólares na loja de divisas ao lado do hotel onde eu morava) eu metia, às vezes, trezentos litros de gasóleo a meio do percurso para o motorista do meu autocarro de turismo. Ninguém mais respeitava as regras. Com a carência, começou a grande roubalheira, o furto massivo, a pilhagem, tal como nos anos logo após a revolução de 1917, quando os trabalhadores e os soldados começaram a saquear os burgueses. Com a bênção da recentíssima revolução a apoiá-los, tinham irrompido nas casas deles de carabinas nas mãos, arrastando homens, mulheres, idosos e crianças para a rua, apropriando-se de móveis antigos, serviços de louça, talheres de prata, quadros, fotografias de bom gosto (com palmeiras ao fundo), pesa-papéis de cristal e outros artigos de luxo; ou, por vingança e ódio mortal, tinham-nos atirado pelas janelas. Finalmente, ao fim de tantos séculos de exploração e

humilhação, era a vez deles. De dominar, de humilhar. A aristocracia e a burguesia foram postas a trabalhar ao frio com pás para remover a neve, mascarados como os macacos com farpelas de trabalhador ou mandavam-nos lambar, com os lábios mordidos de medo, assentos de sanita acabados de cagar, encorajados por jovens trabalhadoras de fábrica, que entretanto se deixavam apalpar nas partes acaloradas por um camarada a rir-se de gozo.